O Velho Professor de História

Na cadeira de Gentes Desconhecidas, além de nos debruçarmos sobre povos de que nunca se ouviu falar e que como nós, habitam este nosso mundo redondo e azul, também nos debruçamos sobre pessoas anónimas que nos ajudaram a formar, esta nossa especificidade civilizacional.

O “Velho Professor de História” foi um dos seus obreiros e que nem a História do país conhece.

Corria o ano de 1914. Em Outubro, Alves Roçadas foi nomeado Governador do distrito do Lubango com o objectivo de travar o avanço alemão na linha de Naulila – Dongoena. A missão era difícil pela distância entre o sul de Angola e Lisboa. Daí o recrutamento de tropas locais enquadradas por poucos oficiais e alguns sargentos oriundos do continente – Portugal europeu.

Durante quatro longos anos, lutaram lado a lado, umas vezes vencidos, outras vencedores. Houve confrontos em Naulila, Dongoena, Humbe, Cahama, Tchippepe, Gambos e outros locais.

Em 1918, os velhos combatentes foram enquadrados no C.E.P. – Corpo Expedicionário Português, que cometeu a façanha de manter o rio Cunene como fronteira natural entre Angola e o Sudoeste Africano, agora Namíbia. A fronteira mantém-se. Os angolanos devem agradecer e não deixar cair no esquecimento esses “soldados desconhecidos”, que, com as suas vidas e sangue, demarcaram para sempre os limites do seu país.

Mas voltemos ao Professor:

- Foste?...

Um acenar de cabeça afirmativo foi a resposta.

- Quem te levou?... Conta, conta...

O calor do meio dia de Março aquietava o ambiente de sonoridade ligeiramente mais fortes. O silêncio era simplesmente quebrado pelo zumbido das abelhas à volta dos cachos de flores minúsculas, rosa bebé da trepadeira mais bonita que já se viu. É que eles irrompem atrevidos, belíssimos e perfumados do meio de densas folhas, verdes clarinhas, em forma de coração.

O ar quente, vibrante e odorífico era um apelo à calma serena do campo.

Atrás da menina, os peitinhos celeste e as canjunjas disputavam a alpista do canário adormecido, indiferente ao desassossego das avezinhas minúsculas.

De quando em vez, a cigarra feria o ar com o som estridente das asas, mas calava-se de imediato como que envergonhada de produzir som tão agudo. Não latiam os cães, não mugiam os bois, não baliam os cordeiros nem os homens buliam. Vivia-se a quietude do mato na hora da canícula.

A menina, sentada no primeiro degrau da varanda de cima, os pés no de baixo, abraçando as pernas e o vestido de popelina azul com florinhas brancas coordenava ideias. A cabeça inclinada mostrava o laço branco que prendia os caracóis longos e escuros.

Lentamente, ergueu a cabeça, fixou olhos no velho sentado no banco, espectante, aguardando as explicações da menina.

Que sim, que tinha ido lá com o papá.

Era uma estátua enorme. Ela parecia uma pulga ao pé daquilo. O pedestal, como ensinou o papá, uma espécie de alicerce da estátua, ocupava um espaço grande lá em Canaxixe e era oval.

De um lado estava o escudo ou armas de Portugal, e do outro, as de Angola.

Mas o mais importante era a figura de mulher alta com vestido comprido empunhando uma espada longa e uma bandeira desfraldada. Parecia que o vento batia com força e ela ia contra ele...

Velho Domingos Galo impacientava-se.

- Não tinha mais nada?...

A menina explicou que a proteger aquela mulher – o papá explicou que era a República – havia soldados com capacetes e outros com barretes iguais aos da Guarda do Governo-geral. Todos levavam armas prontas a atirar “como quando vamos à caça”.

- Éramos nós!...

Num impulso inesperado, o velho ergueu-se inflamado. Ele que era de estatura pequena, velho, pés e mãos deformados pelo reumatismo, agigantava-se aos olhos da menina. Os cabelos e a barba brancos pareciam desaparecer com tanto entusiasmo. Da tez negra e baça, saltavam os olhos grandes rasgados, cintilantes de fulgor guerreiro.

E a menina boquiaberta, via pela primeira vez, um soldado no campo de batalha. Era sublime. Uma história viva com um herói, ali, a dois passos, a contar-lhe a ela, directamente sobre o que fez, quando, como e porque o fez.

Depois havia as mãos. Eram largas, calejadas pelo cabo da enxada, os dedos deformados pelo trabalho e a “gota” como ele dizia. As mãos eram o fascínio da menina. Tão velhas, estragadas, feias mas ágeis como asas de tira-olhos quando simulava o carregar da “mauser”.

E enquanto as movia fazia pontaria, crescia, crescia como a estátua de Quinaxixe. Só pés pesados e cansados o não deixavam erguer-se...

Esquecendo a estátua branca de Luanda, o velho soldado revive os seus anos de guerra sangrenta lá no Sul de Angola.

- O nosso general é que nos recrutou. Os alemães estavam no Sudoeste Africano. Queriam ocupar Angola, atravessando o rio Cunene que separava as duas colónias.

Portugal está muito longe e já tinha tropa na França. O nosso General – Roçadas, Governador do Lubango veio buscar gente de Ambaca, Malanje, Quela e Lunda para ir defender o território lá no Sul da nossa terra. Fomos muitos. O Bwanga, o Kanzamba, esses velhos que tu conheces...

Também estavam lá o Tenente Santos da livraria, o Tenente Lemos da missão de Malanje, e outros que tu sabes...

Andámos lá quatro anos. Umas vezes perdíamos outras ganhávamos. Morria muita gente, outros ficavam estropiados. Tantos que foram gaseados. O Tenente Lemos foi um deles. Eles apanharam-no. Deu-lhe um ataque de tosse tão forte que parecia um riso de maluco. Os cuanhamas fugiram com tanto medo que não voltaram tão cedo.

Deram-nos tempo para nos reagruparmos, treinar o quadrado, tratar dos feridos, enterrar os mortos até que chegou o cacimbo. O rio leva pouca água. Uma manhã fria e com nevoeiro pesado os cuanhamas, cuamatos e hotentotes atravessaram o rio enquadrados por tropas alemãs, com gritos, tiros e gases.

Do lado cá estávamos à espera deles. Quadrado perfeito: primeira fila deitados, segunda um joelho em terra, terceira de pé. No meio a bandeira de Portugal. Na frente o nosso General com a espada levantada.

O Sol rompeu e eles atacaram.

Naquela manhã, víamos dois sóis: o do céu e a espada do nosso General. O fogo era muito. Quando um soldado caía, o outro tomava logo o seu lugar, para não deixar romper o seu quadrado.

As balas andavam à nossa volta mas medo não tínhamos. O Sol da espada do nosso General nos dava coragem. Parecia milagre... Nenhuma bala lhe tocava. Foi a última e mais dura batalha de toda a guerra. Eles tiveram de ir para o Sudoeste.

O rio ficou no meio. Angola estava inteira. Depois, já mais calmos, e com certa tristeza fomos organizar o bivaque: procurar os feridos, tratar, fazer comida, acender fogueiras e pôr sentinelas à volta do bivaque por causa das feras e receio de outro ataque. O nosso General percorria o acampamento sempre a espreitar as fogueiras e as sentinelas, por via dos perigos. Era o último a dormir e o primeiro a acordar. Mesmo nunca o vi no sono. Conhecia os nossos nomes e da sanzala donde vínhamos.

Com a voz mais serena explicou. Lá no Puto, assinou-se o armistício - fim de guerra – explicou. Nós ganhámos a guerra aqui em Angola.

Agora era voltar para casa. Quatro anos andámos por ali. Desmobilizados tínhamos de fazer mais de 2000 km para chegar a casa. Foi quase um ano de regresso.

Velho Domingos desceu do comboio de Ambaca, em Matete – estação inaugurada por “Sua Alteza Real, o Príncipe D. Luís Filipe”.

O agulheiro era o menino João, (aquele que tem a fotografia com o Príncipe). - Foi ele, o meu amigo que me abraçou e me deu a triste novidade.

Ele, engasgado, me disse que Maria tinha tido um filho varão, mas que não se sabe porquê, faleceram os dois, tempos depois. Veio o missionário ouvir em confissão - que eles eram casados – baptizar o menino Domingos, fazer o funeral.

Braços caídos de impotência, olhos cerrados a olhar para dentro, meneando a cabeça branca Sr. Domingos não tem palavras...

Senta-se desalentado, as costas mais curvas, os dedos encavalitados uns nos outros.

A menina respeita o silêncio dorido do seu amigo.

Agora compreendia porque razão o Sr. Domingos Galo, nunca mais casou, não tinha filhos...

Era só...

